



O TACÃO DAS BOTAS E AS AMIZADES: AS POLÍTICAS DO OLHAR ENTRE O PODER A RESISTÊNCIA

Danichi Hausen Mizoguchi
Universidade Federal Fluminense
danichihm@hotmail.com

Resumo:

O presente artigo parte de uma das cinco viagens de Michel Foucault ao Brasil. Nela, tenta entender a vigilância realizada pelo Sistema Nacional de Informação – e, em outro momento, pela Agência Central Inteligência americana – em relação ao filósofo como emblema analisador das políticas de olhar das relações de poder. Aposta-se que, dentre outras coisas, o poder vigia. Todavia, a partir dessa detecção, o artigo tenta destrinchar uma outra política do olhar – aquela a partir da qual o mundo é percebido diferentemente – e, com isso, forças inventivas operam neste mesmo mundo, fazendo dele matéria-prima para gestos de resistência criativa: as políticas da amizade.

Palavras-chave: poder, olhar, amizade, criação, resistência.

Abstract:

This article is based on one of Michel Foucault's five trips to Brazil. In it, tries to understand the surveillance carried out by the National Information System - and, at another time, by the Central Intelligence Agency - in relation to the philosopher as an analytical emblem of the policies of looking at power relations. One bets that, among other things, the watchful power. From this detection, however, the article attempts to untangle another politics of the gaze - that from which the world is perceived differently - and with it, inventive forces operate in this same world, making it raw material for gestures of creative resistance: the politics of friendship.

Keywords: power; look; friendship; resistance.

Os olhos do poder.

Michel Foucault esteve cinco vezes no Brasil. Todas essas passagens – datadas de 1965, 1973, 1974, 1975 e 1976 – deram-se no período em que o país esteve sob o poder ditatorial civil, empresarial e militar. Ainda mais: grande parte delas foi sob o recrudescimento efetivado pelo Ato Institucional número 5, emitido por Artur da Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968. Isto evidentemente faz de todos os momentos de presença de Foucault em território nacional minimamente entortados pelos efeitos de se estar em um território que está sob um regime de exceção. Porém, suas duas últimas passagens pelo Brasil marcam uma relação mais direta com a ditadura – em episódios e estratégias de vigilância e resistência que talvez tenham sido, mais do que o conteúdo dos cursos e conferências por ele ministrados, as marcas fortes destas viagens. É justamente a partir de alguns gestos de poder ocorridos na penúltima passagem de Foucault pelo Brasil – no ano de 1975 – que se engendram as questões condutoras do presente artigo: como o encontro entre a ditadura brasileira e um filósofo estrangeiro pode nos auxiliar na construção de artefatos éticos que auxiliem a pensar e a inventar o nosso presente? Nesse estranho jogo, como se poderiam pensar políticas do olhar exatamente no choque entre o poder e a resistência? E nestas políticas, qual a pertinência das relações de amizade?

No dia 23 de outubro de 1975 realizou-se uma assembleia na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. A reunião – repleta de participantes de diversos setores da vida acadêmica – intentava fortalecer o protesto contra as intoleráveis prisões de estudantes, professores e jornalistas ocorridas nas semanas anteriores. Presente na assembleia, Michel Foucault – que à ocasião naquela instituição ministrava um curso sobre a história da sexualidade, tema do livro que lançaria no ano seguinte – anunciou o cancelamento de suas aulas e fez o seguinte pronunciamento:

Muitas dezenas de estudantes e professores da USP foram recentemente presos. Talvez sejam torturados – se é que já não o estão sendo neste momento. Suas vidas estão ameaçadas. Uma universidade que não é plenamente livre não passa de uma empresa de servilidade. Não dá para lecionar sob o tacão das botas; não dá para falar diante dos muros das prisões; não dá para estudar quando as armas ameaçam. A liberdade de expressão e de pesquisa são sinais de garantia da liberdade dos povos. Na defesa dos direitos, na luta contra as torturas e a infâmia da polícia, as lutas dos trabalhadores intelectuais se unem à dos trabalhadores manuais. A Universidade de São Paulo saiba que sua luta de hoje relaciona-se à luta pela liberdade em todos os países do mundo. Presto minhas homenagens à sua

coragem e me associo de bom grado às decisões que vocês possam tomar para conseguir que a justiça aqui não seja uma palavra ultrajada¹.

Um dia depois da assembleia universitária, as forças da repressão foram à sede da TV Cultura para prender Vladimir Herzog, diretor de jornalismo da emissora. Herzog pediu tempo para concluir um noticiário e se prontificou a comparecer ao Destacamento de Operações de Informação/Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) na manhã seguinte – e de fato assim o fez, para supostamente prestar esclarecimentos. Todavia, foi acareado junto com dois colegas – George Benigno Jatahy Duque Estrada e Rodolfo Oswaldo Konder – e, negando que pertencesse ao Partido Comunista Brasileiro, que à época atuava na clandestinidade, ficou a sós com um investigador. De outra sala, os dois companheiros com os quais foi interrogado ouviram seus gritos e a ordem para que fosse trazida a máquina de choques elétricos. Um rádio, em alto volume, abafava os sons. Foi assim que, no dia 25 de outubro de 1975, sob tortura, Vladimir Herzog foi assassinado.

No dia 19 de novembro, já nos Estados Unidos, participando de um debate intitulado “Medicina, violência e psiquiatria” na Universidade de Columbia, Foucault lembra do assassinato de Vladimir Herzog e de uma prática comum nos porões da ditadura militar brasileira. Diz ele – referindo-se certamente a casos como o de Amílcar Lobo, denunciado por Helena Besserman Vianna e apresentado em trabalhos como, por exemplo, o livro *Guardiães da ordem*, de Cecília Coimbra (1995)²:

Perdoem-me por esta digressão que não parece falar senão incidentalmente dos asilos e não da medicina quando, de fato, nessa nova técnica de tortura foi introduzido um personagem, hoje constantemente presente no ritual de tortura: esse personagem é o médico. Praticamente em todas as torturas importantes, hoje, está presente um médico que tem por função, em primeiro lugar, dizer quais são as torturas mais eficazes; em segundo lugar, ele faz exames médicos para saber se o doente corre o risco de morrer – Herzog, morto na prisão há 10 dias, não foi suficientemente examinado – e, em terceiro lugar, o médico dá injeções de diferentes tipos para reanimar o paciente de modo que este possa suportar fisiologicamente e psicologicamente as torturas (Defert, 2006, p. 48).

¹ Tal pronunciamento, publicado no jornal EX no dia 16 de novembro de 1975 sob o título de Uma aula de Fucô (2018), foi também parar nos arquivos da repressão (Rodrigues, 2016). A revista pode ser acessada aqui: <https://pt.scribd.com/document/155155743/Jornal-EX-16-Novembro-1975>.

² Cecília Coimbra assim explica o trabalho dos médicos que assistiam as torturas: “Antes das torturas, executa um ‘trabalho preventivo’, no sentido de torna-las mais eficazes, procurando saber se há alguma doença, se o preso é cardíaco, etc. (...). Durante, executa também um ‘trabalho de prevenção’, no sentido de testar a resistência do torturado, e avaliar até que ponto ele pode aguentar. Depois das torturas, faz ‘curativos’, quando ‘cuida’ dos farrapos humanos em que o terror converte as pessoas para que, se necessário, voltem a ser torturadas” (Coimbra, 1995, p. 99).

No dia 31 de outubro, Michel Foucault comparece às exéquias de Herzog, realizadas na Catedral da Sé e acompanhadas por cerca de oito mil pessoas – a despeito de todas as tentativas da polícia de vetar o acesso ao local. Dentre outras coisas, fazer-se presente no cerimonial fúnebre, além de prestar homenagem ao jornalista assassinado e coadunar-se imediata e fortemente à luta contra a ditadura – na continuidade de sua presença na assembleia da USP e do cancelamento do curso que ministrava –, tinha uma intenção certa por parte de Foucault: ele – talvez fazendo uso de sua condição de estrangeiro, em muito diferente dos tantos brasileiros que lutavam contra a ditadura – queria provocar os militares, ser expulso do país e chamar a atenção da opinião pública internacional para o que acontecia no Brasil – fato que acabou não ocorrendo (Machado, 2017).

Após o assassinato de Herzog, Foucault passou a se sentir vigiado. Conforme disse à época a seu companheiro Daniel Defert, “teve a impressão de ser constantemente seguido” (Defert, 2006, p. 48). Porém, Foucault estava sob a proteção do Serviço Diplomático Francês, e, conseqüentemente, não foi fisicamente atingido pelas forças da repressão brasileira – diferentemente de tantos outros que, além de vigiados, foram presos, torturados e assassinados pelo regime militar. Todavia, a ditadura não tirou os olhos de cima dele – e, inclusive, por mais que Foucault não houvesse percebido, mesmo antes de seu envolvimento com o assassinato de Herzog os órgãos governamentais de investigação já não tiravam os olhos de cima dele.

Em um documento do Sistema Nacional de Informações, tratado por décadas como confidencial e hoje tornado público no Arquivo Nacional, por exemplo, se lê – em diagnósticos curiosos e muitas vezes equivocados por parte dos responsáveis pela vigilância e pela redação do material: “O epigrafado é considerado como um dos maiores filósofos da atualidade, conhecido internacionalmente. Pertence à corrente anti-marxista, conhecida na França como Democracia Socialista. Foi “manobrado” a tomar posição contra o governo, na assembléia do dia 23/10, na FAU pelos docentes do Departamento de Filosofia da F.F.L.C.H.-USP, Maria Sylvia de Carvalho Franco Moreira e Marilena Chauí Tosta Berlinck, conhecidas pela atuação esquerdista dentro da Faculdade” (apud Rodrigues, 2016).

Em outro informe, também mantido sob o status de confidencial por mais de três décadas, lê-se o seguinte:

Constata-se pelo teor do comunicado do Prof. Foucault que é um documento redigido por aqueles docentes [Maria Sylvia de Carvalho Franco e Marilena Chauí], pois o nominado não escreve corretamente a língua portuguesa. Pode ser, também, uma provocação aos órgãos de segurança para que detenham o professor, e consequentemente seria criado um caso de repercussões negativas para o Brasil no exterior. O nominado não possui oficialmente mais nenhum vínculo com a universidade. Constata-se mais uma vez, que as Universidades contratam docentes no Exterior, sem exigir sequer os dados de qualificação (apud Rodrigues, 2016).

“Não é comunista” (apud Rodrigues, 2016), insiste outro informe do Sistema Nacional de Informações, datado de 28 de outubro de 1975 e no qual se lê que Foucault é conhecido na França por ser de tendência liberal.

Essa atenção do poder aos caminhos de Michel Foucault não se deu apenas em território brasileiro. No começo da década de 1980, a Agência Central de Inteligência (CIA) estadunidense produziu um dossiê – considerado confidencial até o ano de 2011 – no qual são apresentadas as avaliações de uma suposta mudança de posição dos intelectuais franceses – os quais, segundo a própria agência, influenciavam fortemente os rumos políticos daquela nação – a partir dos anos 1970. Os Estados Unidos da América, atentos ao pensamento que se dava do outro lado do Oceano Atlântico, detectavam o que no dossiê chamaram de um novo clima intelectual, antimarxista e antissoviético. Era o que a CIA se autorizou a nomear de Nova esquerda – e que, segundo o documento, tornaria difícil que se recrudescessem as direções de pensamento antiamericanos no país presidido por François Mitterrand. No impressionante documento intitulado França: deserção dos intelectuais de esquerda (CIA, 2018)³, aparece, já nas primeiras das vinte e duas páginas, o rosto de Foucault – pensador nomeado uma série de vezes no texto, identificado como um dos maiores filósofos do mundo. Mas como podem essas ações dos poderes mancomunados pelas asas de condor – esses olhares atentos a um corpo, atentos a milhares de corpos, aos seus gestos e a suas palavras, aos movimentos que fazem e ajudam a fazer, às inquietações que lhes tomam conta e lhes fazem insurgir, aos nortes que perdem, aos seus estremecimentos diante do intolerável – nos ajudar a pensar nos gestos de resistência no presente? Poderia haver neste jogo a premência de uma certa política do olhar?

³ O documento está disponível no seguinte endereço:
<https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP86S00588R000300380001-5.PDF>

Olhos que já não se tem mais de encontrar.

Na introdução do livro *A Arqueologia do saber*, em um diálogo com um interlocutor inventado, Foucault assim escreve:

Você pensa que eu teria tanta dificuldade e tanto prazer em escrever, que eu me teria obstinado nisso, cabeça baixa, se não me preparasse – com as mãos um pouco febris – o labirinto onde me aventurar, deslocar meu propósito, abrir-lhe subterrâneos, enterrá-lo longe dele mesmo, encontrar-lhe desvios que resumem e deformam seu percurso, onde me perder e aparecer, finalmente diante de olhos que eu não terei mais que encontrar? Vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem eu sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever (2013, p. 21).

Já na Introdução ao segundo volume de *História da sexualidade* aparece a seguinte passagem – quinze anos mais tarde e absolutamente coadunada eticamente ao excerto anterior:

Quanto ao motivo que me impulsionou foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade – em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir (Foucault, 1984, p. 13).

O que ambas passagens apresentam é uma das artimanhas transversais na vida e na obra de Foucault: um esforço constante e ininterrupto de deslocamento subjetivo – efetivado como um gesto político sem meta e sem fim. Mas é preciso dizer que as imagens apresentadas nas duas citações só se tornam aptas a serem entendidas como emblemas de uma certa resistência a partir de uma definição bastante singular do poder. E é preciso também dizer que se trata de um poder que, dentre outras coisas, preocupa-se em olhar: em outros termos, trata-se de um poder que faz do olhar um gesto político. Pois não é à toa que o olhar apareça delicadamente nas duas passagens acima citadas: olhos que não se tem mais que encontrar, a necessidade de continuar a olhar. E é por isso que se torna importante perguntar: de que ética trataria esse movimento belo e forte que vai dos olhos que não se tem mais de encontrar à continuidade do olhar? Mais uma vez: de que política do olhar se trataria? E a que apostas de mundo estaria ela vinculada?

Se é verdade que Foucault não se coloca junto ao naipe de pensadores que se dedicam a definições exaustivas para os conceitos que forjam, também é verdade que a quase inexistência de definições terminológicas explícitas na obra foucaultiana não impede que os conceitos sejam compreendidos, delimitados e agidos por seus leitores. Assim, pode-se dizer que o que Foucault anuncia recorrentemente em sua obra é que o sujeito se faz em relações: não há subjetividade essencial, não há subjetividade que não seja relacional, não há subjetividade que se faça sem encontro. Belas assertivas, certamente – porque nos retiram de qualquer fatalismo essencial e exterior à história, porque nos fazem radicalmente distantes de qualquer substancialismo imexível, porque colocam a vida sempre à mercê de ser inventada.

Os perigos da elaboração foucaultiana, todavia, são tão grandes quanto a beleza do que apresentam. É o próprio Foucault quem faz aparecer as relações de poder – aquém e além de qualquer negatividade – como criadoras de realidade: é ele quem as define como algo que “opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável” (Foucault, 1995, p. 243). Ou seja: nas relações de poder, trata-se de ações que incidem sobre ações – e essas ações são justamente os gestos que produzem ininterruptamente os nossos modos de existência.

Sob a análise foucaultiana, o gesto do olhar – esta curiosa ação simultaneamente forte e silenciosa – é fundamental para as relações de poder: o olhar é uma força, o olhar produz realidade – incita, induz, desvia, facilita, dificulta, amplia, limita, torna mais ou menos provável. Olhar e ser olhado, para o pensador francês, jamais seriam gestos neutros: ao contrário, seriam modos pelos quais o poder microfísico se realiza. Em alguns de seus textos, por exemplo, encontra-se a apresentação de um poder que “supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam” (Foucault, 1987, p. 143). Ou ainda, que ao lado

da grande tecnologia dos óculos, das lentes, dos feixes luminosos, unida à fundação da física e da cosmologia novas, houve as pequenas técnicas das vigilâncias múltiplas e entrecruzadas, dos olhares que devem ver sem ser vistos; uma arte obscura da luz e do visível preparou em surdina um saber novo sobre o homem, através das técnicas para sujeita-lo e processos para utilizá-lo (Foucault, 1987, p. 144).

Em suma, o sistema de poder “perfeito capacitaria um único olhar tudo ver permanentemente” (Foucault, 1987, p. 145). Jogo de poderes, jogo de olhares.

Deve-se certamente atentar ao fato de que tais assertivas se referem majoritariamente, no trabalho de Foucault, aos ditames das instituições disciplinares – aquelas que, advindas no século XVIII, conchavam uma série de estabelecimentos tão distintos quanto o hospício, a prisão, a fábrica, a escola e o quartel. Instituições em cujo paradigma “inverte-se o princípio da masmorra; a luz e o olhar de um vigia captam melhor que o escuro que, no fundo, protegia” (Foucault, 1979, p. 210). Ali, percebe-se mais uma vez, o olhar vigilante jamais será neutro. Sob o jogo enfático das luzes e das transparências, ele terá sempre a função fundamental de auxiliar na produção de corpos dóceis.

Se de fato um dos gestos relacionais do poder é o olhar, e que essa política do olhar é detectada por Foucault nas chamadas sociedades disciplinares, é preciso também dizer que sob os regimes de exceção o olhar torna-se exponencial: multiplica as miradas, os alvos e as tecnologias da visibilidade. Os registros confidenciais do Sistema Nacional de Informação, com os milhares de registros de perseguidos políticos no Brasil e no mundo, cujos movimentos mais ínfimos foram e são escrutinados por olhos sorrateiros, atestam isso: sob a exceção, mais vidas são observadas – sob a exceção, mais vidas devem ser controladas. A exceção é, também, um jogo de olhar. Mas se já quase vivemos democraticamente sob um regime de exceção – vigiados por todos os lados pelo o capitalismo algorítmico da sociedade de controle⁴ – é importante que sigamos nos perguntando: como, enfim, operar uma política de resistência que se faça sob uma outra ética do olhar? Como o enfrentamento a esses olhos que já não se terá mais que encontrar pode ser também a

⁴ Não é interesse do presente artigo adentrar nesta discussão, mas cabe lembrar que os jogos de poder do presente – conforme bem enunciou Gilles Deleuze (1992) – mantêm e refinam as execuções inauguradas pela sociedade disciplinar. Haveria, portanto, uma certa insistência do poder – e, nessa insistência do poder, uma certa insistência de vigilância: uma certa insistência poderosa do olhar. Essa insistência do olhar – das vigilâncias high-tech, certamente, mas não só delas – teria, hoje, uma certa atualização rizomática sob a qual já não haveria mais fora. Tratar-se-ia, hoje, de um poder – e, logo, de um olhar – que já prescindiria das instituições: poder a céu aberto, ininterrupto, extensível a todo campo social. Nas palavras de Deleuze, “ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo” (Deleuze, 1992, p. 223). Para uma breve amostragem dos modos de visão do poder cibernético nas redes sociais, recomenda-se o texto *Você é o produto*, de John Lanchester – o qual está disponível neste endereço: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/voce-e-o-produto/>.

condição para que se persista no gesto de olhar o mundo e nele acreditar? Mais uma vez: que política do olhar se colmata à resistência?

Continuar a olhar.

Em *A vida dos homens infames*, texto de 1977, o mesmo Foucault escrevera: o ponto mais intenso das vidas é aquele no qual elas se chocam com o poder, se debatendo contra ele e tentando escapar de suas armadilhas. Nada seria estanque sob os artifícios do poder: pequenas insurreições, gestos de levantes, desvios resistentes sempre se colocariam em ação – naqueles que seriam, então, os pontos mais intensos de tantas existências. Ele, que já enunciara que onde há poder há necessariamente resistência, no começo dos anos 1980 passava a afirmar um estranho primado ontológico reverso: só há poder porque há resistência. Foucault já houvera dito, ainda nos primórdios de sua trajetória intelectual, em meados dos anos 1950, que “o homem moderno não é aquele que parte para descobrir a si mesmo, seus segredos e sua verdade escondida: é aquele que busca inventar-se a si mesmo” (Foucault, 2006, p. 241). É somente no final de sua vida, todavia, que ele consegue conduzir e enunciar a tese com mais força – a tese sob a qual a nenhuma vida está vetada a invenção, porque nenhuma relação de poder é total e absoluta, mas, mais do que tudo, porque a resistência é sempre primeira.

É neste momento que Foucault podia fazer aparecer, finalmente explícito, um modo de confrontação direta aos dispositivos de governo da existência – daqueles que, do século XVIII até hoje, sob variadas tecnologias, empenham-se em exercer um olhar vigilante sob toda e qualquer possibilidade de diferenciação ou de insurreição: daqueles que, do século XVIII até hoje, com variados alvos e variadas tecnologias, olham. De fato, a ética repensada por Foucault como um discurso e uma prática de resistência o é sempre como inventiva intempestiva do presente – ali onde nada necessariamente é, ali onde as potências do virtual sempre incomodarão as formas do atual, ali onde nenhuma existência pode-se dizer terminada. Porém, se na analítica de Foucault as relações de poder somente se afirmam efetuando-se – e efetuando, dentre outras coisas, um modo vigilante de olhar –, a resistência que verga as relações de poder também só pode se estabelecer efetuando-se – e efetuando, também, necessariamente, uma outra ética do olhar. Mas ainda resta a pergunta: em

que outra política do olhar estaríamos fazendo vicejar nossas apostas éticas? E que políticas do olhar seriam essas que dobrariam as forças do poder em uma estranha conexão conspiratória? Poderiam as relações de amizade efetivar o vínculo ético entre o olhar, a resistência e a criação? Como essas mesmas relações poderia forjar o gesto político que Foucault chamou de continuar a olhar? De qual relação e de qual olhar se trata?

As amizades e os olhos que já não tem rosto.

Não são poucos os pensadores que se dedicaram a escrever sobre a amizade: Platão, Aristóteles, Marco Túlio Cícero, Plutarco, Sêneca, Michel de Montaigne, Gilles Deleuze e Maurice Blanchot, por exemplo, fazem parte desta lista (Mizoguchi, 2015). Nessa toada conceitual múltipla, é imperativo perceber que cada qual ajuda a criar o mundo de determinado modo: não se trata de representação, mas de elaboração de maneiras diversas de existir – defesas ontológicas, produção de corpos, convocatórias a ações de amizade fascistas ou libertárias. Se é assim, caberia perguntar: poder-se-ia forjar e viver com um conceito de amizade que se aproximasse forte e firmemente de um vetor de resistência ao poder? E como essa amizade estaria implicada em um estranho exercício de olhar que não se presta à vigilância ditatorial e poderosa, mas aos gestos de resistência e de criação?

Maurice Blanchot enunciava que a *philia* grega era absolutamente direcionada à reciprocidade e, portanto, ao tedioso intercâmbio especular do mesmo com o mesmo: tratava-se de uma amizade que conduziria sempre à relação da identidade com a identidade (Blanchot, 2000). O jogo de olhares entre um amigo e outro, entre uma amiga e outra, sob esta perspectiva, só poderia buscar um caráter espelhado de repetição de imagens estanques: ver no outro ou na outra aquilo que já se é, o amigo ou a amiga como necessária cópia de si. Blanchot postulava, em plena oposição à essa tradição, que a amizade poderia erigir um raríssimo espaço político habitado pela diferença. Para o crítico literário francês a amizade poderia ser o intervalo que, de um amigo a outro, de uma amiga a outra, relaciona uma a outra, “relaciona um ao outro justamente na diferença” (Blanchot, 1971, p. 329).

A indicação resistente e amistosa de Blanchot reside junto ao reconhecimento de que por trás de identidades e diferenças pode e deve existir um comum – um comum entendido “como proliferação de atividades criativas, relações ou formas

associativas diferentes” (Negri, 2003, p. 148). Talvez em uma junção entre as amizades e a resistência se pudesse ir ao ponto em que seja possível operá-las como pequenos e cotidianos gestos de insurreição operada pela criação conjunta de modos de viver: amizade à diferença, ao estranho, ao outro do pensamento, à alteridade e ao além da alteridade, à vida e à multiplicidade da vida. Ali onde o poder esforça-se por identificar – e, dentre outros tantos exemplos bastaria lembrar dos materiais do SNI e da CIA, nomeando ininterruptamente Foucault: anti-marxista, um dos maiores filósofos da atualidade, pertencente à democracia socialista, não é comunista, pertence à Nova Esquerda – a amizade dá-se à criação: criação de si e do mundo.

Trata-se, finalmente, de uma amizade acoplada ao gesto criativo de olhar e perceber diferentemente – olhar e perceber diferentemente do modo como já se olhou e se percebeu: as amizades como agentes de visibilidade de uma vida outra em um mundo outro. Àqueles olhos do poder em suas mais variadas modulações, com os quais os porões do exército brasileiro e a agência de vigilância americana não desgrudaram de Michel Foucault e de tantos outros – mirados, presos, torturados, assassinados – é preciso dizer ontem e hoje: são modos de olhar com os quais não se quer encontrar nunca mais. Com as relações de amizade, ao contrário, é preciso fazer vicejar aquela espécie rara de olhar que acredita no mundo – novamente e sempre, insistir na delicadeza e na força política das relações que fazem os olhos aptos a verem um mundo outro em uma vida outra: as amizades como disparadoras de outras visibilidades. Seria, portanto, esse o efeito ótico das relações de amizade: outras paisagens aparecem – outros olhos veem outras forças, outros olhos veem outras vidas possíveis, outros olhos efetivam a batalhar por outros mundos possíveis.

A presença renitente das amizades pode seguir forjando outros olhos, olhos que veem que a história jamais acabará. Trata-se, portanto, de uma presença relacional que ajude a medrar imagens inéditas e inauditas de um mundo rebelde, inquieto e infindo: ver um mundo em que se forje coletivamente a destruição dos olhos que, de tantos modos, controlam, vigiam e identificam. Inventar ininterruptamente outras visibilidades é resistir aos olhos do poder que ininterruptamente tentam trucidar as vidas que ainda e persistentemente creem – como Foucault, como todos os perseguidos pelos estados de exceção, como os milhares de anônimos que cotidianamente se insurgem – que ver e viver um outro mundo é ainda e sempre possível.

Referências Bibliográficas

BLANCHOT, Maurice. *Pour l'amitié*. Farrago: Tours, 2000.

BLANCHOT, Maurice. *L'amitié*. Paris: Éditions Gallimard, 1971.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. *Defection of the leftist intellectuals*. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP86S00588R000300380001-5.PDF>. 2018. Acesso em: 18/01/2018.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. *Guardiães da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "milagre"*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1995.

DEFERT, Daniel. Cronologia. Em: *Foucault, Michel*. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum às sociedades de controle*. Em: *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Uma aula de Fucô*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/155155743/Jornal-EX-16-Novembro-1975>. Acesso em 20/01/2018.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. Em: *Ditos e Escritos, volume IV*. Estratégia Poder-Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. A psicologia de 1850 a 1950. Em: *Ditos e Escritos volume I*. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

FOUCAULT, Michel. *Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho*. Em: Dreyfus, Hubert e Rabinow, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *O olho do poder*. Em: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979.

LANCHESTER, John. *Você é o produto*. Em: *Revista Piauí*, edição 132, setembro de 2017. Acesso em 18/01/2018.

MACHADO, Roberto. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: N-1 edições, 2017.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. *Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós*. Porto Alegre: Sulina/ Editora da UFRGS, 2015.

NEGRI, Antônio. *Kairós, Alma Venus, Multitudo*: nove lições ensinadas a mim mesmo. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

RODRIGUES, Heliana de B. Conde. *Ensaio sobre Michel Foucault no Brasil*: presença, efeitos, ressonâncias. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016.

Danichi Hausen Mizoguchi. Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Doutor e Mestre em psicologia pela UFF. E-mail: danichihm@hotmail.com

Artigo recebido para publicação em: Fevereiro de 2018.

Artigo aprovado para publicação em: Março de 2018.

Como citar:

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. O tacho das botas e as amizades: as políticas do olhar entre o poder a resistência. **Revista Transversos. “Dossiê: Grupo Tortura Nunca Mais do Rio de Janeiro: três décadas de Resistência”**. Rio de Janeiro, nº. 12, pp. 359-371, Ano 05. abr. 2018. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2018.33711

